

The background features three children. Two boys in the upper left wear white soccer jerseys with blue stripes and face masks, using cardboard binoculars. A girl in the upper right, wearing a pink shirt and a white bow, also uses colorful cardboard binoculars and holds a drawing of a purple insect. In the lower right, a girl in a yellow shirt with a pink collar speaks into a black microphone.

# Escuta como ato de participação política

Ouvindo crianças e adultos  
na formulação de Planos Municipais  
pela Primeira Infância (PMPI)

**URBAN**95 

Realização

Bernard van Leer  FOUNDATION

 CECIP



# Escuta como ato de participação política

Ouvindo crianças e adultos  
na formulação de Planos Municipais  
pela Primeira Infância (PMPI)

**URBAN**95

Realização

Bernard van Leer  FOUNDATION

 CECIP

**A Urban95 é uma iniciativa da Fundação Bernard van Leer que apoia cidades ao redor do mundo na implementação de políticas públicas para a primeira infância. As cidades que participam da rede recebem suporte e acompanhamento para realizar ações com foco em bebês, crianças pequenas e seus cuidadores.**

**Esta publicação foi desenvolvida pelo CECIP em 2022**

*» fotos da capa (sentido horário):  
Prefeitura de Alcinópolis,  
Angélica Pott,  
CECOM Benevides*

### **CECIP Centro de Criação de Imagem Popular**

**Direção Executiva:** Claudius Ceccon

**Direção Administrativa e Financeira:** Dinah Frotté

**Coordenação de Projeto:** Gianne Neves

**Coordenação Financeira:** Elcimar Oliveira

**Apoio Administrativo:** Marcelo Avance, Néia Oliveira e Sirlene da Silva Alves

**Comunicação:** Beatriz Cruz

### **EQUIPE URBAN95/CECIP**

**Coordenação:** Isabella Gregory

**Supervisão e articulação:** Bianca Antunes

**Comunicação:** Cecília Garcia

**Comunicação PMPI:** Daniela Tafuri

**Consultoria:** Claudia Sales e Marieta Colucci (urbanismo),  
Monica Vidiz (serviços primeira infância),  
José Ricardo Oliveira e Marcia Thomazinho (PMPI)

**Assistência de projeto, design e produção:**  
Rafaela Pacola e Roberta Guizan

**Jurídico e advocacy:** Verônica Ennes

### **FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER**

**Representante no Brasil:** Claudia Vidigal

**Coordenadora de programas:** Thaís Sanches

**Administradora de programas:** Christina Winnischofer

### **PUBLICAÇÃO**

**Coordenação de conteúdo:** Isabella Gregory

**Edição:** Bianca Antunes

**Pesquisa e texto:** Cecilia Garcia

**Consultoria em participação social e de crianças:**  
Raquel Ribeiro, Marcia Thomazinho, Marieta Colucci,  
Taynara Gomes e Maria Thereza Marcílio

**Projeto gráfico e diagramação:** Tomaz Alencar



# Índice

- 6 **Apresentação**
- 7 **A iniciativa Urban95**
- 8 **Capítulo 1:** Política boa é política afirmativa
- 15 **Capítulo 2:** Como escutar as crianças
- 21 **Capítulo 3:** Como escutar os adultos
- 27 **Capítulo 4:** Sistematização
- 33 **Anexo:** Sugestão de atividades de escuta
- 47 **Bibliografia e sugestões de leitura**

# Apresentação

As mais de cinco mil cidades que compõem o território brasileiro são um retrato da nossa diversidade. Em um país de proporções continentais, cada município é particular em sua história, sua formação e sua relação com o entorno. As infâncias, que também são múltiplas e ocupam essas cidades de maneiras distintas, expressam no seu ser esta diversidade: há crianças que brincam nas ruas, as que moram em condomínios fechados, crianças migrantes, crianças com direitos assegurados e outras com direitos negados. Para tomar decisões e formular políticas públicas que atendam a essa diversidade é preciso que as infâncias estejam presentes e sejam escutadas.

Pensar as cidades a partir das perspectivas das infâncias é essencial na construção do **Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI)**. Esta política pública é uma recomendação do Marco Legal da Primeira Infância (Lei 13.257/2016) e visa a articular diferentes setores na criação de um plano que contemple os direitos das crianças de zero aos seis anos de idade. Para ser um instrumento político com implicações práticas, o PMPI precisa ser construído democraticamente, com ampla participação de crianças e adultos (com destaque para gestantes e cuidadores).

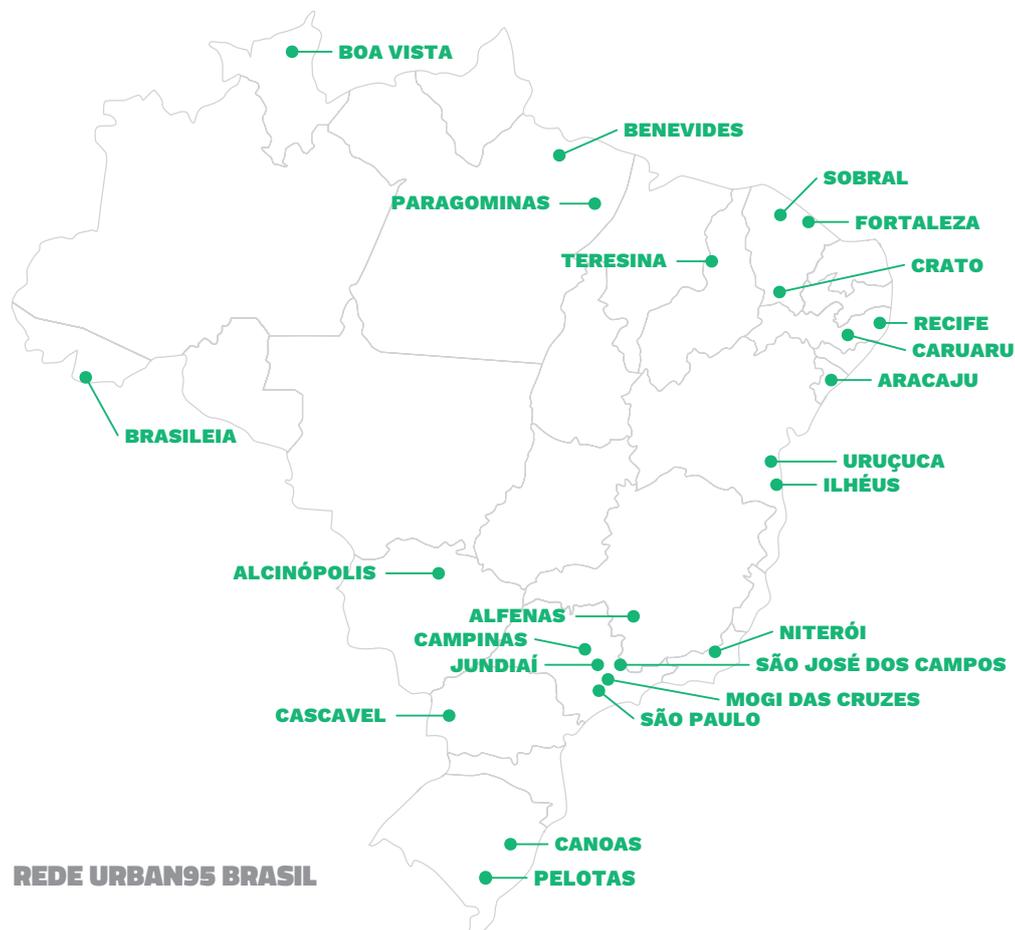
Esta publicação foi produzida pelo CECIP Centro de Criação de Imagem Popular para apoiar a elaboração do PMPI em cidades Urban95, para que a criação deste plano seja tão democrática e diversa como as cidades brasileiras pedem. Não há fórmulas prontas, como não poderia haver para qualquer projeto de escuta ativa. Mas oferecemos metodologias e práticas para apoiar na assimilação dos desafios do território e das diferentes infâncias que vivem nele. Estas metodologias, embora voltadas para o PMPI, também podem ser utilizadas para outras ações.

Esperamos que este material seja útil para você, gestor(a), educador(a), cuidador(a) e criança; e que seja moldável aos desafios do seu território e da sua cidade.

# A iniciativa Urban95

A **Urban95** é uma iniciativa internacional da Fundação Bernard van Leer que visa a incluir a perspectiva de bebês, crianças pequenas e seus cuidadores no **planejamento urbano**, nas estratégias de mobilidade, nos programas e serviços destinados a eles. Gestores públicos e técnicos recebem apoio e capacitação sobre formas de contribuir com o desenvolvimento integral das crianças a partir da experiência das cidades, identificando e atuando nos territórios onde os bebês e suas famílias estão, em especial aqueles mais vulneráveis.

Convida assim líderes, gestores públicos, arquitetos e urbanistas a pensar as cidades sob a perspectiva de quem tem 95 cm – a altura média de uma criança de 3 anos. A iniciativa incorpora as lentes da **primeira infância** na gestão das cidades, a partir de ações efetivas que promovam interações positivas, contato com a natureza nos espaços urbanos, proximidade entre serviços e mudanças duradouras nos cenários que moldam os primeiros anos da vida de nossos cidadãos.





Capítulo 1

# Política boa é política participativa

Crianças têm muito a dizer sobre sua escola, seu bairro e sua cidade. Na foto, escuta que aconteceu com crianças em Benevides (PA) para o Plano de Mobilidade.

Você sabe o que é participação social? Embora o conceito seja um dos 17 objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas (ONU) e apareça frequentemente em discussões sobre política, ainda existe um distanciamento entre a maioria das pessoas e os processos decisórios que afetam suas vidas.

Participação social é quando as pessoas são incluídas em tomadas de decisões que afetam a elas mesmas, um grupo ou toda sociedade. Mesmo acontecendo em níveis diferentes – em uma reunião de escola, em uma audiência pública ou em uma roda de conversa sobre a construção de um parque – todas devem ser inclusivas, responsáveis e representativas.

Para que as tomadas de decisão de fato sejam participativas, as instâncias onde ocorrem precisam comportar a diversidade da população brasileira e seus recortes de classe, gênero, raça e idade. No Brasil, isto ainda é um desafio. Embora a Constituição de 1988 tenha sido um passo importante no estabelecimento de instâncias de participação social, como conselhos, ouvidorias públicas, assembleias e fóruns, há ainda resistência e o sentimento de que espaços de decisão coletiva não pertencem à população no geral. Além disso, nem sempre os espaços são construídos para facilitar essa participação. Para pensar cidades e territórios a partir de perspectivas participativas, é preciso fomentar a criação de uma cultura de participação social.

## **PARTICIPAÇÃO SOCIAL SE REFLETE EM POLÍTICAS PÚBLICAS MAIS ASSERTIVAS**

Quando a participação social se dá na prática e tanto crianças quanto adultos conseguem contribuir nas instâncias de tomada de decisão, isto favorece o desenho de políticas públicas eficientes. Política pública é um conjunto de decisões tomadas pelos governantes para atender necessidades, direitos e demandas da sociedade inteira ou de um público em particular.

Pensar coletivamente políticas faz com que elas sejam mais assertivas e seus resultados, mais mensuráveis. Quando são parte desta elaboração, as pessoas também se sentem mais próximas da esfera política e da própria noção de cidadania. Assim, elas entendem que estes espaços políticos podem ser ocupados e gerar mudanças palpáveis, o que é saudável para desenvolver a cultura de participação social e democracia.

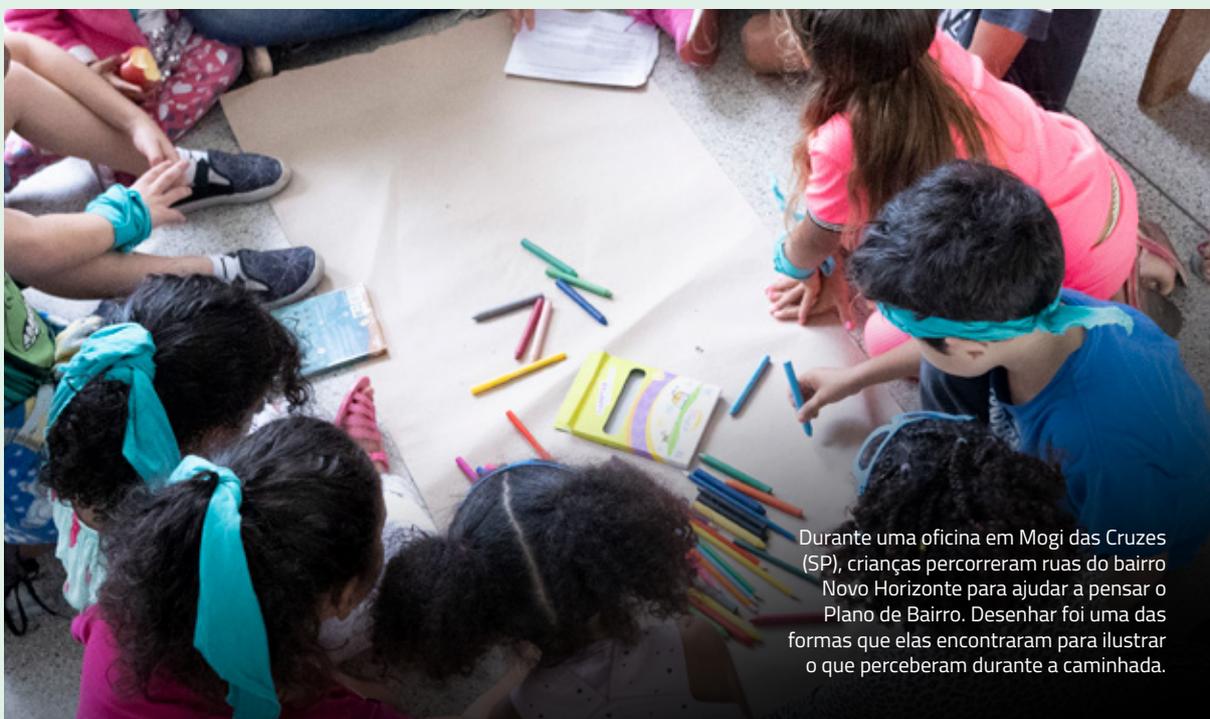
Há bons exemplos de políticas ou marcos legais que foram construídos desta

forma: O ProAC (Programa de Ação Cultural de São Paulo) é um programa de incentivo à cultura desenhado com ajuda de movimentos e organizações sociais. Outra política conquistada pela sociedade civil é o próprio **Marco Legal da Primeira Infância**, que garante uma série de direitos a esta fase da vida.

Para que planos, projetos, marcos e leis consigam transpassar do papel para a realidade, sua formulação e implementação precisa se dar de forma horizontal, com escuta ativa e diversa. E isso inclui as crianças!

## A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS

» foto: Gustavo Maldonado



Durante uma oficina em Mogi das Cruzes (SP), crianças percorreram ruas do bairro Novo Horizonte para ajudar a pensar o Plano de Bairro. Desenhar foi uma das formas que elas encontraram para ilustrar o que perceberam durante a caminhada.

“

*“Era uma vez uma terra nada distante chamada **adultocentrismo**, nela viviam os **adultocêntricos**, um povo que acreditava que somente adultos sabiam o que era melhor para todo mundo. Na terra do **Adultocentrismo** só adulto falava, só adulto era ouvido, só adulto era visto como pessoa sabida e parecia tão verdadeira essa ideia que todo mundo achava mesmo que só adulto sabia das coisas.”*

O texto “A Vida na Terra do Adultocentrismo”, da jornalista Elânia Francisca, expressa de maneira acurada a realidade da participação social no Brasil e em muitos lugares do mundo. É ainda muito tímida a noção de que as crianças podem fazer parte das tomadas de decisão que concernem a sua vida. Embora já sejam reconhecidas como sujeitos de direitos, são poucas as vezes em que as crianças são consideradas centrais nas tomadas de decisão sobre sua escola, sobre a cidade, sobre as suas decisões e outras que impactam suas vidas.

A criança deve ser compreendida como um sujeito histórico, cultural, social e de direitos, plenamente capaz de participar e contribuir com aquilo que lhe diz respeito, produtora de conhecimentos, que pensa, discute e propõe soluções, em diferentes formas de expressão, para assuntos que afetam sua vida direta e indiretamente.

É recente a inclusão das infâncias na legislação em nível nacional, internacional e nas instâncias de participação social. Como marco internacional, podemos citar a *Convenção sobre os Direitos da Criança*, elaborada pela Organização das Nações Unidas em 1990. Neste documento, estabelecem-se normativas que reconhecem o lugar das infâncias no universo de decisões de suas vidas. No mesmo ano, no Brasil, nascia o *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*.

A criação do *Marco Legal da Primeira Infância* (Lei 13.257/2016) também foi muito comemorada: é uma lei pioneira específica para a primeira infância que estabelece uma série de direitos a serem garantidos. Entre os direitos assegurados nesta lei, está a ampla participação infantil nos **Planos Municipais pela Primeira Infância (PMPI)**. O PMPI foi pensado como instrumento político que precisa da participação social em sua elaboração. Adultos e crianças devem estar presentes nas fases de escuta, sistematização, negociação e implementação. O trabalho deve ser contínuo, conjunto, construído a muitas mãos e a partir de olhares diversos. Esta mesma diversidade de atores precisa ter acesso a devolutivas e ao andamento dos projetos que nasçam ou sejam mapeados durante o desenho do plano.

## POR UMA REAL PARTICIPAÇÃO

Embora imprescindíveis, marcos legais e instâncias de participação não necessariamente garantem a inclusão efetiva das crianças. Em 1980, o especialista em direitos das crianças Roger Hart se baseou na escada que mostra os níveis de participação com adultos (criada por Sherry Arnstein em 1969), e criou um sistema para mensurar se, de fato, as crianças colaboram na

tomada de decisão ou se sua presença é usada somente para dar a entender que participam, quando, na verdade, não estão decidindo nada. Se as crianças são colocadas em processos participativos de forma decorativa, ou se são ouvidas apenas uma vez sem devolutiva das propostas sugeridas, elas não estão sendo realmente consideradas.

A escada de Hart, sistema criado pelo especialista em direitos da criança Roger Hart.

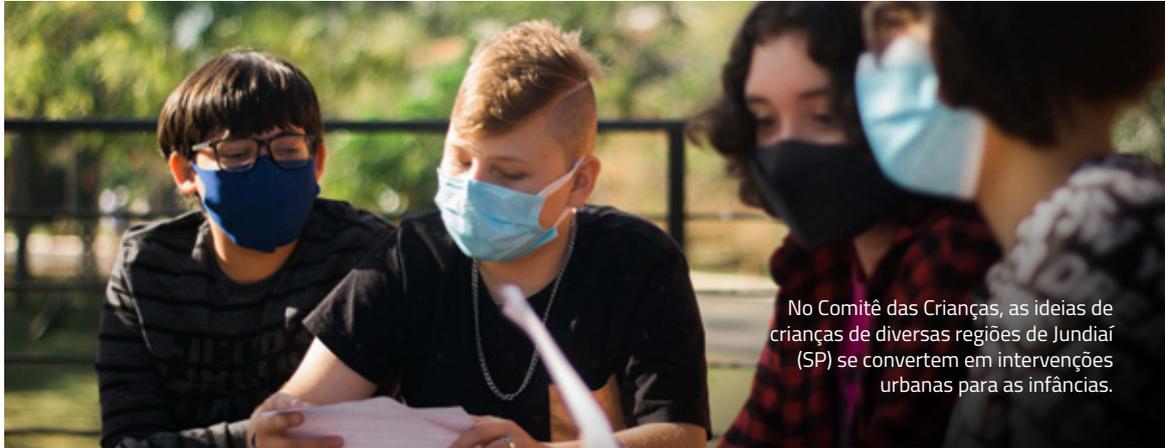
» *ilustração:* Claudius Ceccon



Para promover uma participação social efetiva, é preciso romper com modelos adultocêntricos de pensamento e ação, que costumam ou enxergar a criança como um sujeito passivo, ainda não hábil a tomar decisões ou a refletir sobre seus desejos, ou ainda com uma aceitação imediata e condescendente das propostas das crianças, sem debate, o que pode fazer com que elas se sintam invalidadas no processo. Romper com estes paradigmas adultocêntricos é um desafio tanto para as escutas, como para a sociedade como um todo.

A partir do momento que as crianças são ouvidas para pensar as políticas de sua cidade, a visão sobre a urbe recebe outros contornos e possibilidades. Há desejos comuns a todos os cidadãos, e outros que apenas vivendo a cidade na perspectiva delas é que conseguimos enxergar.

**Quer ver como a participação social infantil se dá na prática?  
Selecionamos três cidades que escutam suas crianças na hora  
de pensar intervenções urbanas e espaciais.**



No Comitê das Crianças, as ideias de crianças de diversas regiões de Jundiaí (SP) se convertem em intervenções urbanas para as infâncias.

» foto: Felipe Cardoso/Urban95 Brasil

### **Comitê das Crianças em Jundiaí (SP)**

Em 2018, foi criado o Comitê das Crianças em Jundiaí (SP), formado por 24 meninos e meninas que se reúnem quinzenalmente para pensar sugestões de melhorias para o município. Suas ideias deram origem, entre outros projetos, ao parque Mundo das Crianças, espaço público que atendeu desejos de diversas crianças representadas pelo comitê, como mais espaços verdes e equipamentos para brincar.



Para pensar uma praça de primeira infância em Alcinópolis (MS), crianças de cinco anos participaram de uma série de escutas.

» foto: Prefeitura de Alcinópolis

### **Praça da Primeira infância em Alcinópolis (MS)**

Para planejar a reforma da Praça Estrela d'Alva, Alcinópolis fez uma série de ações de escuta da população no final de 2021. Os cuidadores expressaram suas percepções e desejos sobre uma futura praça para a primeira infância por meio de um questionário. Depois, foram ouvidas 55 crianças de 5 anos, que estudam na CMEI Brenno Crisóstomo Duarte. A partir das sugestões das crianças e dos cuidadores, o município elaborou um projeto de reforma da praça – e as crianças ainda devem escolher o nome para ela.



Na Plenarinha, crianças sugeriram uma série de intervenções para Canoas, que iam desde banheiros com bancos mais baixos até espaços com rodas gigantes.

### **Plenarinhas para o PMPI em Canoas (RS)**

Bancos baixos nas paradas de ônibus, banheiros para crianças em todos os locais e também diversão: toboáguas, roda gigante, piscina. Essas são algumas ideias que as crianças deram na Plenarinha realizada com estudantes de escolas infantis municipais para contribuir no diagnóstico do Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI). Os encontros tiveram contação de histórias com o livro *“Eleição dos bichos”*, que explica o funcionamento do processo eleitoral para o público infantil.

Capítulo 2

# Como escutar as crianças

Crianças expressam suas ideias e desejos de múltiplas formas: falando, desenhando, dançando, brincando. Na foto, oficina de escuta de crianças em Sobral (CE).

Para além das diversas infâncias, as crianças também são diversas entre si. Mesmo que morem em uma mesma casa e brinquem no mesmo quintal, elas continuam a ser diferentes, e esta diversidade precisa ser reconhecida em qualquer processo democrático participativo.

Uma abordagem participativa envolve a organização de ambientes nos quais a criança sinta-se segura para expressar opiniões, argumentar a respeito de algum assunto, imaginar soluções, escutar o outro e ser escutada, onde se sinta respeitada e valorizada como sujeito que intervém e transforma sua realidade. Nessa partilha contínua de informação, diálogo, confiança, reflexão e ação, as crianças desenvolvem capacidades como autonomia, responsabilidade, análise, senso crítico, cultura democrática e trabalho em equipe.

É responsabilidade de todos que participam, criam, financiam ou apoiam programas e projetos cuidar do cumprimento das normas éticas nas quais as crianças estejam implicadas.

## Etapas da participação

- Escutar
- Sistematizar e refletir
- Negociar e tomar decisão
- Implementar



Durante escuta em Mogi das Cruzes (SP), crianças utilizavam óculos mágicos para enxergar o que gostavam e o que não gostavam no seu bairro.

» *foto: Gustavo Maldonado*

## AS MÚLTIPLAS FORMAS DE ESCUTA

Não existem fórmulas prontas ou apenas um tipo de metodologia de escuta: elas podem variar de acordo com a faixa etária, com as questões a serem investigadas, com o tempo, o contexto, o gênero e a cultura dos envolvidos, além do tipo de vínculo existente entre os adultos e as crianças. Mas uma coisa é certa: os ambientes precisam ser confortáveis e, de preferência, em territórios que façam sentido para as crianças participantes.

Uma boa oportunidade para o adulto observar as crianças é durante sua rotina – ouvir o que têm a dizer sobre a escola quando estão dentro da escola, ouvir o que pensam sobre o lazer no momento em que brincam, e assim por diante. Na mesma lógica, uma estratégia interessante é envolver seus responsáveis, desde que estejam informados sobre as etapas e procedimentos dos processos participativos.

No caso das crianças muito pequenas, que não se expressam verbalmente, é preciso considerar seus movimentos e manifestações corporais, o que implica garantir tempo para observá-las em interação com outras crianças e com adultos, no contexto em que vivem.

Com relação às crianças mais velhas, é preciso garantir-lhes clareza para que possam se comprometer com os projetos de participação. Convidá-las a participar significa incluí-las nos espaços e tempos de negociação e produção de ideias, garantindo e legitimando seus interesses desde o planejamento.

É importante utilizar metodologias que dialoguem com o universo infantil – **jogos, brincadeiras, desenhos, rodas de conversa, dramatizações, fotografias das/com as crianças (as crianças se apropriando de máquinas fotográficas e tirando fotografias), passeios guiados, música, pintura, assembleias, entre outras possibilidades.**



### **O território pode influir profundamente no processo de escuta das infâncias.**

**Por exemplo:** se você tem o desejo de ouvir as crianças sobre o que elas querem para uma praça pública perto da escola, a realização da escuta dentro deste espaço pode gerar manifestações interessantes e registros particulares. Ao planejar as atividades, pense que o território é parte fundamental deste processo: o lugar onde a criança mora, estuda e pratica lazer importa e influencia a forma como ela vê o mundo.

Tanto as manifestações espontâneas (sobretudo as não verbais) quanto as atividades dirigidas são fontes de expressão e de informação sobre o que as crianças vivem, observam e desejam. Mas, independentemente do tipo de

escuta realizada, é fundamental que, ao final dela, as crianças recebam algum tipo de devolutiva do processo. Isto pode se dar na forma de compartilhamento de registros, das fotos tiradas e dos áudios gravados. Responda sempre atenta e sinceramente as dúvidas que possam surgir a partir do processo de escuta, garantindo que as crianças saibam que esta é uma das etapas da participação infantil e que elas também estarão presentes nos próximos passos do projeto co-criado com elas.

## ÉTICA NA ESCUTA INFANTIL

Ética diz respeito aos princípios que conduzem o comportamento humano, normas e valores construídos coletivamente para o bem-estar de todos. Para garantir a humanização, o respeito e a autonomia das crianças é preciso que atentemos para os seguintes princípios:

### RESPEITO AOS TEMPOS E MODOS DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

É necessário que o adulto esteja atento às múltiplas formas de se expressar das crianças. A linguagem verbal geralmente não é a principal delas, é preciso um olhar cuidadoso para perceber as mensagens expressas por meio do corpo, dos movimentos, dos silêncios, para observar como as crianças interagem com os ambientes, na brincadeira, no jogo simbólico, no faz de conta. Nem sempre a entrevista, o desenho ou a roda de conversa são as melhores estratégias. Em alguns casos, é preciso apenas garantir tempo para observá-las na interação com outras crianças e com adultos, no contexto em que vivem.

### METODOLOGIAS ADEQUADAS À FAIXA ETÁRIA E CONTEXTO SOCIAL

É importante levar em conta a idade das crianças, o contexto social na qual estão inseridas, suas características físicas, motoras e de desenvolvimento. São crianças da cidade, indígenas ou que moram em áreas de risco? Adapte as atividades aos diversos contextos.

### AMBIENTE ACOLHEDOR E PROFISSIONAIS QUALIFICADOS

O ideal é que as oficinas sejam realizadas em ambiente em que as crianças já estejam acostumadas a frequentar e que pessoas do convívio delas estejam presentes (conduzindo ou não a oficina).

### DIREITO A NÃO PARTICIPAÇÃO

Não é porque a criança está naquela escola, ou porque compareceu àquela atividade, que é obrigada a participar. Por isso, toda atividade de escuta inicia-se com uma explicação e com uma pergunta direta para que elas decidam se desejam ou não continuar.

## NÃO INDUZIR OU INTERPRETAR RESPOSTAS

Fazer perguntas simplistas, que trazem como respostas “sim” ou “não”, pode empobrecer o processo de escuta ou induzir respostas. Ao selecionar as perguntas, prefira aquelas que provoquem a imaginação da criança. É comum ver adultos que, ao registrar a escuta, interpretam uma fala, um desenho ou uma ação. Para que isto não ocorra, vale checar com a criança se aquilo que foi entendido está correto. E registrar exatamente o que foi dito. Ao realizar registros de vídeo, áudio, imagem, além de pedir autorização aos responsáveis é preciso consultar também as crianças.

## RETORNO PARA AS CRIANÇAS

Para que o processo atinja de fato o seu objetivo, é fundamental que a escuta tenha sido considerada no processo decisório e que as crianças recebam retorno disso.

## PROTAGONISMO E PARTICIPAÇÃO

O processo participativo deve ser equitativo. Por isso, as crianças devem ser ouvidas e consideradas, tanto quanto os adultos. O protagonismo é de todos os envolvidos.



Criança segura mapa do trajeto que percorreu no bairro Novo Horizonte, em Mogi das Cruzes (SP), em escuta para Plano de Bairro.

» foto: Gustavo Maldonado

## METODOLOGIAS POSSÍVEIS PARA REGISTRO DA ESCUTA

### Registros escritos

Um diário pode ser uma ferramenta útil para conseguir documentar falas, expressões e brincadeiras que ocorrem no momento da escuta. Se as crianças forem maiores e já tiverem domínio da escrita, elas também podem fazer registros escritos e colaborar com esta documentação.

### Registros gravados em áudio

Com o celular, é possível registrar as rodas de conversas ou outros momentos da escuta com as crianças. O gravador ou celular também pode se configurar em uma ferramenta lúdica de envolvimento, onde crianças podem gravar a si mesmas e as outras. Lembre-se de pedir autorização para uso das gravações para as crianças antes e após a coleta.

### Vídeos e fotos

As fotografias e os vídeos podem ajudar a registrar a oficina de uma maneira leve, sem tantas interrupções. Priorize registros que vão fazer sentido para você depois: o momento de uma brincadeira, a abertura para falas das crianças, uma sequência de fotos com desenhos das crianças participantes. Lembre-se de pedir autorização para uso de imagens para as crianças e para os cuidadores após a coleta.

### Mapeamentos

Uma das ferramentas mais úteis para registrar ideias de crianças é por meio de mapas. Mapear os territórios onde estão a escola, o espaço público ou qualquer outro lugar de escuta ajuda a categorizar as informações com elementos gráficos e visuais, dando uma visão mais geral dos lugares onde estão os apontamentos e as possibilidades. Os mapeamentos também facilitam o processo de sistematização da escuta depois que ela ocorre.



Desenhos são também uma ótima forma de registro. Na foto, crianças de Mogi das Cruzes (SP) colocam no papel o que gostaram e o que não gostaram na caminhada que fizeram pelo bairro.

» foto: Gustavo Maldonado

## Capítulo 3

# Como escutar os adultos

Para ouvir os adultos, também é preciso investir em metodologias criativas e espaços de acolhida. Na foto, oficina para pensar a praça da Primeira Infância em Alcinoópolis (MS).

O PMPI só tem força política e é capaz de enfrentar os desafios múltiplos de cada cidade se for co-construído com pessoas de diferentes áreas de conhecimento e diferentes experiências com relação às infâncias. A participação ampla confere ao PMPI uma “qualidade técnica admirável”, como diz Vital Didonet, educador e pesquisador de políticas públicas da infância.

Como sugestão para que os executores dos Planos Municipais pela Primeira Infância reúnam um grupo de pessoas mais diverso que participe com efetividade, o [Guia para Elaboração do Plano Municipal da Primeira Infância, da Rede Nacional Primeira Infância](#), recomenda alguns passos:

**a) Convidar organizações representativas (organizações da sociedade civil:** ONGs, OSCIPs, associações, movimentos, fóruns, etc.) da área da criança, a integrar a comissão de elaboração do plano.

**b) Debater propostas e apresentar sugestões ou reivindicações** em seminários ou assembleias, durante o processo, para aprovar o plano antes que ele seja enviado à Câmara de Vereadores.

**c) Realizar fóruns regionais**, em consórcio de municípios, por iniciativa e coordenação de secretarias estaduais.

**d) Realizar audiências públicas** para conhecer e debater o Projeto de Lei e o Plano que o acompanha.

Para momentos de construção de participação não formal, rodas de conversa ou encontros organizados por pessoas da sociedade civil, a regra ainda vale: é preciso convidar todo mundo que tem algo a dizer sobre cidades melhores para a primeira infância. Este chamamento é variado e deve partir das demandas do território onde ele acontece, em chamamentos virtuais, físicos ou de outras formas criativas para engajar as pessoas.

Como ainda indica Didonet, é preciso ser cuidadoso e evitar os males do “assembleísmo” tanto em instâncias de participação formais como não formais: *“debates intermináveis, discussões excessivamente teóricas, palavrório sem conclusões práticas, palavras de origem sem disposição para diálogo, ânimos acirrados. O saldo final do ‘assembleísmo’ é a sensação de tempo perdido inutilmente, e o conseqüente esvaziamento da participação: menos gente na próxima reunião, menos contribuições populares para a política pública”.*



Fazer mapeamentos coletivos é um bom jeito de engajar adultos em processos de escuta. Na foto, atividade para cuidadores em Mogi das Cruzes (SP).

» foto: Gustavo Maldonado

## QUEM SÃO OS ADULTOS A SEREM ESCUTADOS PARA O PMPI

O processo de escuta dos adultos deve ser construído com o mesmo cuidado, afeto e rigor que o das crianças. As pessoas precisam se sentir acolhidas e à vontade para falar sobre suas ideias e dúvidas. Também precisam estar munidas de informação para poder opinar e construir coletivamente as possibilidades de melhoria para as áreas de sua cidade.

**Confira alguns atores importantes deste processo:**



### Cuidadores

As pessoas que cuidam das crianças têm diversas realidades: podem ser mães, pais, tias, tios, primos, avós, podem fazê-lo de maneira conjunta com outros familiares ou de maneira isolada. Para que este público tenha oportunidade de participar é preciso pensar em espaços onde as crianças fiquem sob supervisão enquanto os cuidadores estão sendo escutados; nos horários do evento, para que não aconteçam muito tarde; e também na possibilidade de escutas não presenciais, como questionários, por exemplo.



### Gestantes e puérperas

As cidades são experimentadas de maneira diferente pelas gestantes ou por quem está no puerpério. O acesso a direitos de saúde, educação, transporte público, que já devem ser garantidos para todas as pessoas, são ainda mais necessários nesta fase. Por isso, é primordial ouvir as gestantes e puérperas. Discussões da intersecção de gênero e direito à cidade também devem permear estas escutas. Novamente, os encontros devem ser feitos para que as mulheres consigam participar, em espaços e horários acessíveis. Se forem digitais, devem ser anunciados com antecedência.



### Profissionais que atuam diretamente com as crianças

Profissionais que trabalham na área de saúde, educação, assistência social e que estão perto das crianças em seu dia a dia são essenciais para pensar cidades abertas à primeira infância – pois muitas vezes, de maneira involuntária, escutam as demandas das crianças e de seus cuidadores. Por terem, geralmente, pouca flexibilidade de horários, é importante criar instâncias de participação que se adequem a seus horários e deslocamentos.

## FORMAS DE ESCUTAR OS ADULTOS

Existe uma gama de documentos que pode ajudar a formatar espaços de escuta. São guias já consolidados, como o [\*Guia para Elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância\*](#).

A cidade pode, inclusive, construir um guia próprio – uma cartilha com informações sobre o que o município oferece para a primeira infância, por exemplo, pode auxiliar a sociedade civil na tomada de decisões. Crie esses materiais com modelos impressos e digitais, que podem ser distribuídos em diversos momentos.

No caso de participação em encontros com um grupo, sejam virtuais ou presenciais, considere ter uma pessoa com experiência que possa conduzir de maneira suave e firme o processo, coordenando tempos para a fala, para a réplica, além de mediar possíveis conflitos, naturais em espaços de construção democrática. Essa pessoa – que pode ser do território onde a escuta é realizada –

pode ajudar na elaboração de uma sistematização dos resultados após a escuta.

Há diversos modelos de participação – e todos ganham quando há um planejamento detalhado. Conheça abaixo algumas possibilidades.

## **AUDIÊNCIAS**

São espaços de realização de participação social garantidos na Constituição de 1988. Estas instâncias abertas são geralmente organizadas por órgãos públicos ou entidades. Nelas, é possível coletar informações, realizar processos de escuta e também decidir sobre rumos para projetos apresentados. Para que as audiências sejam representativas, elas precisam ser anunciadas com antecedência e em diversos meios de comunicação. É encorajado que as informações estejam disponíveis de maneira clara em redes sociais. As informações sobre as audiências devem estar disponíveis de forma nítida e objetiva, para diferentes atores. Após a audiência, o que foi discutido também deve ser divulgado. Em momentos de distanciamento social, estas audiências podem se dar em espaços virtuais.

## **SEMINÁRIOS E OFICINAS ABERTAS**

Os diversos atores envolvidos na produção do PMPI podem criar seminários e oficinas abertas ao público para debater em detalhe as propostas sugeridas pelo município e seus munícipes. Seja de forma presencial ou digital, estes espaços podem atrair pessoas interessadas pela temática, e servir como um espaço de interação, escuta e captação de ideias.

## **RODAS DE CONVERSA**

Na possibilidade de encontros de grupos menores, como uma associação de bairro ou num grupo de pesquisa local, também é possível coletar insumos interessantes para o PMPI. Considere abri-los a pessoas que não fazem parte diretamente do grupo, mas podem ter algo a dizer sobre a primeira infância.

## **CARTOGRAFIAS AFETIVAS**

Uma das ferramentas mais eficientes para diagnósticos socioterritoriais, as cartografias afetivas são instrumentos políticos para mapear e diagnosticar lugares de potência e vulnerabilidade. Do mesmo jeito que é possível fazer visitas a campo com crianças, adultos também podem se unir em grupos para percorrer territórios das suas cidades, fotografar, fazer anotações e entender o que é possível melhorar.



Mapas são ferramentas preciosas na identificação de potenciais e vulnerabilidades de um território pensado para a primeira infância.

### FORMULÁRIOS E PESQUISAS

Nem todas as pessoas têm disponibilidade de participar em eventos presenciais ou digitais de longa duração. Formulários e questionários podem ser ferramentas úteis para coletar a percepção das pessoas sobre seus territórios e municípios. Estes formulários podem ser digitais e compartilhados nas redes sociais, ou físicos, com pontos de coleta após seu preenchimento.



Atividades que ocupam o espaço público ajudam os adultos a se sentir pertencentes àquele território. Na foto, adultos ocupam rua para pensar praça da primeira infância em Alcinoópolis.

## Capítulo 4

# Sistematização



Agora que a escuta terminou, o que fazer com esta riqueza de material coletado? É preciso sistematizá-lo! Sistematização é o processo de compilar materiais, experiências e dados de um jeito organizado, preparando insumos para as próximas etapas da iniciativa e tornando essas informações acessíveis para consultas futuras. O que é coletado nos processos de escuta é a base dos próximos passos para a criação do Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI).

A sistematização ajuda a:

- **Documentar e registrar os processos, atividades e falas;**
- **Qualificar a escuta;**
- **Construir memória da atividade e socialização da experiência acessível para consulta;**
- **Desenhar os projetos;**
- **Desenhar as intervenções;**
- **Justificar futuras transformações;**
- **Acionar os atores necessários e indicar as questões que lhes são direcionadas;**
- **Dar retornos para os participantes na fase de negociação (quando será acordado o que será possível de ser implementado ou não) e na implementação.**

Para que a sistematização aconteça de forma coesa, crie uma “comissão de sistematização”, ou seja, um grupo de responsáveis para reunir os registros, organizá-los, qualificá-los e entender quais são as demandas.

## **REGISTRO: O COMEÇO DA SISTEMATIZAÇÃO**

O registro bem feito é o primeiro passo para garantir a qualidade da sistematização das escutas realizadas. Registros podem ser escritos, em vídeo, áudio, fotos e desenhos. Também é possível trabalhar com painéis interativos, com mapas que ajudem a visualizar as respostas individuais ou os territórios onde as escutas foram realizadas e onde futuros projetos serão implementados. O importante é atender as demandas dos territórios e da escuta, por isso, não tenha medo de experimentar jeitos diversos de registrar a participação.

A seguir, listamos uma série de formas de registro que podem inspirar.

## REGISTRO ESCRITO

Pode ser um material planejado, como um bloco de notas para anotar as frases impactantes das crianças, registrar um debate entre adultos, ou fazer uma observação do clima do processo de escuta. Também pode ser um material involuntário, e não menos importante: alguma anotação despreocupada, materiais utilizados durante a feitura de um mapa, ou algum desenho que uma criança fez num momento de pausa da escuta.

Procure conectar estes materiais com os nomes das crianças e adultos que participaram do processo. Isto pode ajudar na hora de fazer devolutivas e identificar pessoas para as próximas etapas do processo.

## MATERIAL AUDIOVISUAL

Registre com fotos, vídeos e gravações os processos de escuta. Não se preocupe necessariamente com a qualidade técnica destes registros. O importante é que sirvam como material de consulta e que expressem o que estava acontecendo do momento. Ordená-los com material escrito descritivo pode facilitar a documentação.

Lembre-se da parte do consentimento! Peça autorização das crianças e também de seus cuidadores antes de fazer registros audiovisuais. Quando for gravar as crianças, garanta que seu direito à preservação de imagem está respeitado. Não divulgue estas imagens sem autorização delas e de seus cuidadores.

## REGISTRO LÚDICO

Na escuta das crianças, as atividades lúdicas fazem parte da interação. As crianças não se expressam somente em momentos de vocalização. Elas o fazem nas brincadeiras, nas expressões artísticas e também na sua própria linguagem corporal, que muda nos diferentes estágios dos processos de escuta.

Colete os registros lúdicos produzidos por estas crianças durante os processos de escuta. Acompanhe suas brincadeiras, guarde seus desenhos e faça registros do que elas falam quando estão participando da atividade, utilizando métodos escritos ou audiovisuais. Mesmo que uma brincadeira não faça parte da atividade de escuta, acompanhe-a de perto. É neste momento de descontração que podem surgir indicativos importantes para a construção de propostas futuras.

## **PAINEL INTERATIVO E MAPA**

Os dados podem ser inseridos em um material que permita um registro visual de pontos que foram trazidos na escuta – como um painel de registros pode ajudar a conectar e comparar informações. Se a escuta incluiu a confecção de mapas ou a utilização de mapas para inserir dados, utilize-os como processo de registro.

## **ESTRATÉGIAS DE SISTEMATIZAÇÃO**

Com o material devidamente registrado, está na hora de começar a sistematização!

A sistematização se dá com o processamento dos dados coletados, deixando visíveis os principais resultados obtidos, para que seja possível realizar a análise e o monitoramento das informações. Os dados são subsídios para a criação de um projeto ou de um plano.

Passo a passo da sistematização:

### **PASSO 1: REUNIR O MATERIAL COLETADO**

Reúna todos os materiais de registro que você tem à disposição: textos escritos por facilitadores e participantes da oficina, vídeos, áudios e fotos, desenhos das crianças e qualquer outro tipo de registro que a equipe tenha feito. Coloque estes registros em um lugar de fácil compartilhamento ou consulta, como uma pasta compartilhada na internet ou em espaço físico. Organize os registros com o nome do participante, idade, e outras informações que possam ser relevantes, como a região em que mora.

### **PASSO 2: LER E TABULAR O MATERIAL**

Olhe atentamente para cada registro coletado. Leia as anotações, escute as gravações e assista aos vídeos. Comece a identificação de pontos em comum nestes registros. Se, numa escuta com crianças, muitas desenharam sobre um mesmo tema (presença de árvores ou falta de transporte, por exemplo), isso identifica um tema macro que pode ser trabalhado em outras etapas da sistematização.

Tabule as demandas, para que não seja necessário voltar aos registros sempre e para que as informações possam ser encontradas de forma objetiva. Colocar

demandas em forma de tabela também permite compreender a ordem de grandeza de cada demanda, comparar dados, quantidade em que aparecem, quem faz as demandas e desenvolver filtros.

**Exemplo:**

TABULAÇÃO DAS DEMANDAS E SUGESTÕES		
SOLICITAÇÃO	QUANTIDADE DE CRIANÇAS	PORCENTAGEM
Parquinho	100	83%
Biblioteca só de literatura infantil	90	75%
Brincadeiras novas ao ar livre	89	74%
Brincadeiras diferentes no recreio	80	67%
Ciclovias	60	50%
Piscina	59	49%
Ruas com arco-íris e glitter	10	8%

**PASSO 3: CATEGORIZAR AS DEMANDAS**

Com os dados tabelados, fica mais fácil relacionar as demandas e sugestões com faixas etárias, territórios onde moram, e de onde vêm: se são cuidadores, gestantes, crianças, etc. As demandas também podem ser comparadas com dados da cidade, para entender onde elas respondem a desafios existentes e ajudar a construir planos e metas.

**Exemplo:**

DEMANDAS IDENTIFICADAS NA ESCUTA DAS CRIANÇAS	COMO OS DADOS OFICIAIS CORROBORAM A DEMANDA
Ruas com calçadas e faixas de pedestres	22% das crianças vão a pé à escola
Ciclovias	12% das crianças vão de bicicleta à escola
Manutenção das estradas	36% das crianças vão de ônibus rural à escola

Exemplo retirado da escuta realizada com Alcinópolis (MS)

» fonte dos dados: SEMED/Alcinópolis (MS)

## PASSO 4: RELATÓRIO

O relatório é o documento final da escuta. Neste documento detalhado, você consegue mensurar **qual o objetivo da escuta, o que foi planejado para alcançá-lo, quais ações aconteceram, quais poderiam melhorar, e também quais foram os resultados finais do processo**, com dados que irão guiar os próximos passos do PMPI.

Existem muitas maneiras de criar um relatório, mas é importante que seja um documento informativo, que traga os resultados de forma transparente e fácil de serem utilizados pela equipe. Precisa ser de fácil leitura tanto para a equipe que está construindo o PMPI quanto para a criação de possíveis devolutivas para o público da escuta.

Insira materiais coletados ou criados ao longo do processo, como as tabelas, os gráficos de categorização, e os registros mais representativos.

### Dados que não podem faltar no relatório:

- **Perfil dos participantes** (quantas crianças participaram, de que idades, de quais territórios; quem foram os adultos que participaram, gestantes, cuidadores etc.);
- **Demandas e desafios por território e por área** (saúde, mobilidade, urbanismo, lazer, etc.);
- **Principais demandas/desafios por território.**

DIFERENÇA ENTRE REGISTRO E SISTEMATIZAÇÃO NA ESCUTA		
	REGISTRO	SISTEMATIZAÇÃO
 <b>OBJETIVO</b>	Serve à sistematização	Serve ao PMPI na incorporação da participação das crianças ao plano
 <b>FORMATOS</b>	Fotografias, áudios, mapas, textos (citações e anotações das falas das crianças), desenhos, maquetes, entre outros	Documento que reúne as informações registradas
 <b>TEMPORALIDADE</b>	É realizado em todos os momentos da escuta	É a junção de todos os registros organizados de forma lógica depois da escuta
 <b>PARTICIPAÇÃO</b>	Crianças e adultos expressam e registram	Adultos organizam e escrevem

Anexo

# Sugestões de atividades de escuta

Atividade de escuta de  
crianças em Crato (CE).

Parte do processo de escuta inclui saber de maneira detalhada quem serão os participantes e, a partir deste mapeamento, desenvolver atividades que façam sentido e possam engajar de maneira efetiva estes atores, sejam eles crianças ou adultos.

Embora não seja possível replicar exatamente as escutas, porque elas nascem das individualidades de sujeitos e dos territórios, este guia traz inspirações. As sugestões estão em formato de fichas, com descrição de materiais, duração e objetivos da atividade. Consulte-as sempre que necessário.

Para as crianças, demos atenção às atividades para a primeira infância. Além das rodas de conversa e diálogo, as atividades propostas trazem metodologias lúdicas para dar conta das variadas formas de expressão das infâncias. As atividades envolvem brincadeiras, jogos, mapeamentos e uso ativo dos territórios.

Para os adultos, estruturamos propostas de atividades em grupo que ensejem espaços de troca e acolhimento, como rodas de conversa e mapeamentos afetivos. Também propusemos um modelo de audiência pública que escapa dos moldes burocráticos e tradicionais, inserindo ludicidade e devolutivas. Por fim, anexamos um modelo de formulário que pode viabilizar um diagnóstico para atividades presenciais. O formulário também serve para alcançar públicos que não podem estar presentes em encontros físicos.



» foto: Angélica Pott

Em escuta em Colinas (RS), crianças confeccionaram seus próprios crachás e binóculos.

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA CRIANÇAS

Antes de iniciar uma oficina de escuta com as crianças sobre o Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI), é importante explicar no que consiste o plano. Como a maioria dos documentos oficiais, este instrumento não é de fácil leitura ou entendimento, então a sugestão é utilizar recursos e linguagens lúdicas para familiarizar as crianças com o assunto.

Você pode usar o que mais fizer sentido para a escuta no seu território, mas preparamos uma sugestão de texto que pode ajudar.

*Olá crianças, eu sou (Nome do facilitador) e trabalho (local e função). Hoje estamos aqui para ouvir de vocês, as crianças de (nome da cidade) sobre o que precisa melhorar na nossa cidade.*

*Tem um grupo de adultos – alguns deles estão aqui hoje – que se reuniu com outros adultos de diversas áreas da prefeitura para pensar e apresentar para o(a) prefeito(a) o que precisa ser feito na cidade para que todas as crianças vivam seguras, com casa, comida, hospital, escola, espaço para brincar, entre muitas coisas que são importantes nas nossas vidas. Esse grupo tem conversado bastante, e hoje quer saber a opinião de vocês. Depois que todo mundo participar, adultos e crianças, esse grupo de adultos vai fazer um livro que se chama Plano porque ele junta todas as ideias e faz delas um plano sobre como a cidade deve ser agora e no futuro!*

*Uma coisa bem importante sobre esse plano é que ele tem um foco nas crianças pequenas, de bebezinho recém-nascido até as crianças de 6 anos. E o motivo disso é que nessa fase da infância, que é a que vocês estão agora, as crianças precisam de muito cuidado e atenção para poderem crescer saudáveis e felizes. São nesses anos que as crianças aprendem a andar, a falar, a brincar, a ler! São tantas descobertas que para isso precisa ter muita gente cuidando.*

*Agora que expliquei um pouquinho do que é o PMPI, vocês gostariam de criar com a gente uma cidade mais legal para as crianças?*

## Oficina

# Se Criança Governasse o Mundo

**Duração média:** 1h30

**Materiais:** Papel, canetinha, giz de cera, lápis de cor.  
Livros “Se Criança Governasse o Mundo” ou “Quem manda aqui?”.

**Tipo:** Presencial

**Objetivo:** Nesta oficina, as crianças são convidadas a serem gestoras públicas por um dia. As brincadeiras são uma oportunidade para elas criarem e apresentarem propostas para sua cidade.

### Se criança governasse o mundo

**Autor:** Marcelo Xavier

**Editora:** Formato

*Neste livro, o autor imagina o que seria do mundo se ele fosse governado por crianças. É um mundo de maravilhas e brincadeiras, com o espaço para o encontro e para a diversidade.*



### Quem manda aqui?

**Autor:** Larissa Ribeiro e André Rodrigues

**Editora:** Companhia das Letras

*Seis oficinas com meninos e meninas sobre governo e poder foram sistematizadas neste livro lúdico, que fala sobre política para e com as crianças.*



#### **PASSO 1: BRINCADEIRA: SE ESSA RUA FOSSE MINHA** (15 minutos)

Brincadeiras ajudam a criar um clima de ludicidade e relaxamento antes da atividade de escuta. Sugerimos que os facilitadores convidem as crianças para uma brincadeira de roda. Um dos facilitadores é responsável por

cantar a frase e as crianças repetem. Na última frase, o facilitador canta e as crianças são pegadas de surpresa com a brincadeira da estátua.

*Se essa rua, se essa rua fosse minha  
Eu mandava, eu mandava ladrilhar  
Com pedrinha, com pedrinha de brilhante  
Para o meu, para o meu amor passar  
Quando eu terminar esta música  
Você tem, você tem que parar...ESTÁTUA!*

### **PASSO 2: APRESENTAÇÃO E CONFECÇÃO DO CRACHÁ** (20 minutos)

Para começar, cada criança diz seu nome acrescentando outras informações pessoais, como a idade, o local onde mora, a escola onde estuda, algo que goste de fazer, lugares onde costuma ir, etc. As perguntas variam de acordo com o objetivo da oficina e a faixa etária do grupo. Em seguida, a mediação distribui um crachá para cada criança, e cada uma pode intervir e colocar o que desejar nele, como desenhos ou colagens.

Durante a confecção do crachá, as crianças podem falar livremente sobre suas vidas. O momento lúdico que essa atividade propicia torna mais divertido e rico o primeiro contato entre facilitador e crianças, uma vez que todos podem contar histórias e descobrir afinidades.

### **PASSO 3: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA** (25 minutos)

Fazer uma leitura conjunta do livro "Se criança governasse o mundo" ou do livro "Quem manda aqui?". Após este momento, faça perguntas para as crianças sobre a leitura, indagando sobre o que elas gostaram, o que elas entenderam ou não. Garanta um espaço de fala aberta e ampla participação das crianças, acolhendo as respostas e expressões para dar início ao seu registro.

### **PASSO 4: GOVERNANTES MIRINS** (20 minutos)

Agora é o momento de pedir para as crianças se colocarem no lugar de governantes e prefeitos(as) de suas cidades. Instigue as crianças a pensar o que elas fariam se pudessem mandar no seu mundo, no seu bairro e na

sua cidade. Faça perguntas como “Como seria o seu mundo?”, “Se você fosse a pessoa mais poderosa do planeta, o que você faria?”.

Acolha todas as formas de expressão das crianças: Proveja papel para as que quiserem desenhar, grave as que preferirem falar e também anote expressões não verbais que sejam colocadas por meio das brincadeiras surgidas a partir das perguntas disparadoras.

#### **PASSO 5: ENCERRAMENTO** (20 minutos)

No encerramento, o momento é de apresentar os resultados da oficina. Convide as crianças a apresentarem o que desenharam ou a falar sobre os desejos das suas cidades. Utilize este momento para conectar o nome das crianças aos registros. Lembre-se também de deixar que as crianças se expressem sem fazer suposições sobre o material.



## Oficina **Descobrimo meu Bairro**

**Duração média:** 3 horas

**Materiais:** Livro “Nunca acontece nada na minha rua”, mapa do bairro (previamente produzido), óculos feitos de EVA em duas cores, objeto para facilitar identificação das crianças (boné, colete, lenço), câmeras fotográficas, giz de cera, lápis de cor, canetinha 12 cores, tinta guache, sulfite branca em rolo, cola branca, fita adesiva, tesoura sem ponta, prancheta.

**Tipo:** Presencial

**Objetivo:** As crianças irão percorrer parte do bairro, identificando com fotografias e outros meios de registro pontos que chamaram sua atenção. A ideia é que elas reflitam sobre o bairro, sobre o que gostam e desgostam nele, e consigam propor melhorias para o que desejarem.

## Nunca acontece nada na minha rua

**Autor:** Ellen Raskin e Dani Gutfreund

**Editora:** Ameli

*Luís Rodolfo é um menino que passa o dia todo suspirando e reclamando que nada acontece na rua dele. Mas as ilustrações mostram que, se prestasse atenção, Luís iria notar que a rua é cheia de acontecimentos!*



### **PASSO 1: ACOLHIDA: BRINCADEIRA EM RODA** (40 minutos)

O encontro começa com um momento de brincadeira em roda: as crianças falam seu nome, sua idade e com quem vieram ao encontro. Depois, os facilitadores explicam a oficina com apoio de um mapa do entorno. As crianças são divididas em grupos de até 10 para leitura do livro em roda. Os facilitadores podem fazer algumas perguntas disparadoras durante a leitura: “será que não está acontecendo nada mesmo? O que vocês veem que está acontecendo? Será que ele está olhando direito pra rua dele?”.

### **PASSO 2: SAÍDA PELO BAIRRO** (40 minutos)

Ainda nos grupos de até 10 crianças, os facilitadores devem convidá-las a observar, no mapa, o caminho que será feito. Fazer combinados com as crianças: não pode andar longe dos adultos, precisam ficar unidos e prestar atenção ao redor.

Antes de sair, propor o uso dos óculos coloridos: eles dão poderes especiais quando usados, porque permitem enxergar coisas que ninguém mais vê! As crianças escolhem os óculos que querem usar. Podem ser entregues outros materiais de identificação do grupo, como coletes, bonés e lenços. Cada cor de óculos é um olhar diferente: uma cor serve para ver “o que eu gosto”, enquanto a outra mostra “o que eu não gosto” – esta será a tarefa da criança durante a caminhada.

Cada grupo de crianças será acompanhado por facilitadores que irão anotar os comentários, comportamentos, interesses e modos de transitar do grupo.

***Dica:** durante o passeio, observe as expressões das crianças, o modo como elas interagem com o espaço, como andam pelas calçadas, se reclamam de algo, se tropeçam. Tudo isso pode ser sistematizado como dados da realidade local para compor o diagnóstico do PMPI.*

**PASSO 3: CONVERSA E REGISTRO** (40 minutos)

Na volta ao espaço inicial, os grupos são reunidos em roda, novamente, para que possam contar como foi o passeio, quais foram as sensações, o que viram, o que sentiram falta. As crianças irão fazer o registro em um rolo de papel, desenhando o caminho que acabaram de fazer, o que viram e as sensações do caminho. Por isso o papel é longo!

**PASSO 4: FINALIZAÇÃO** (30 minutos)

Depois de todos terem registrado o caminho no papel, as crianças fazem a exposição do registro do caminho. Elas devem compartilhar também as sensações. Tudo deve ser anotado pelos facilitadores ou pelo responsável pelos registros da atividade.

**PASSO 5: FECHAMENTO** (10 minutos)

A atividade é finalizada com uma fala de fechamento contando sobre os próximos passos. Uma atividade para descansar o corpo, como alongamento, é bem-vinda.

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA ADULTOS



» foto: Marieta Colucci

Escutas de adultos precisam acontecer em ambientes acolhedores e horizontais, com oportunidades para todas e todos participarem

## Rodas de conversa em diferentes territórios

**Duração média:** Entre 1 e 2 horas

**Materiais:** Post-it, caneta esferográfica, papel e blocos de notas, álcool em gel.

**Tipo:** Presencial

**Funcionamento:** As rodas de conversa funcionam para grupos pequenos – grupos focais de até 30 pessoas, por exemplo, que podem ser facilmente divididos em subgrupos de até 5 pessoas. Assim, as pessoas se sentem mais à vontade para falar de suas impressões e dúvidas, além de evitar a dispersão.

### **PASSO 1: PERGUNTAS DISPARADORAS**

No começo do encontro, com todas as pessoas ainda unidas, os facilitadores devem trazer as perguntas que irão ser discutidas nos grupos focais. Se o objetivo é ouvir um grupo específico – gestantes que irão falar sobre mobilidade urbana, por exemplo – as perguntas precisam oferecer respostas para a criação posterior de planos de ação. Alguns exemplos, neste caso, seriam: Como você se desloca pela cidade? Quais as principais dificuldades neste deslocamento? Tem um ponto de ônibus perto da sua casa? Que intervenções poderiam transformar a cidade em um lugar mais confortável para a mobilidade de gestantes?

### **PASSO 2: DISCUSSÃO EM GRUPOS**

As pessoas são divididas em grupos menores. Para cada grupo, um mediador precisa estar responsável pela condução das conversas. Durante o diálogo, a mediação fica responsável por tirar dúvidas, instigar novas reflexões e anotar pontos importantes levantados por seu grupo. Estes insumos serão utilizados na hora de sistematizar a escuta.

### **PASSO 3: APRESENTAÇÃO DAS DISCUSSÕES**

Todos voltam a se reunir em conjunto, e uma pessoa de cada grupo pode apresentar para o coletivo o que foi discutido. A mediação

fica responsável pelo registro das reflexões coletivas e por dar os encaminhamentos finais.

Para legitimar a participação, é importantíssimo garantir que haja devolutiva para o grupo. Isso pode acontecer em rodas de conversas futuras ou em divulgações que façam sentido para o território. Devolver os resultados faz com que as pessoas se sintam contempladas e mais dispostas a participar deste e de outros processos.

*Consultoria: Taynara Gomes (Laboratório da Cidade)*



## Mapeamento do bairro com os cuidadores

**Duração média:** 1 hora

**Materiais:** Post-it, caneta esferográfica, mapa do bairro em preto e branco, álcool em gel.

**Tipo:** Presencial

**Funcionamento:** Esta atividade propõe que um grupo de cuidadores se debruce sobre o mapa de um território, reconhecendo trajetos feitos por no dia a dia e os trajetos que compartilham com a criança. O mapeamento irá identificar espaços frequentados, lugares que são abertos e bons para a primeira infância e espaços que poderiam ser melhorados a partir da perspectiva das crianças.

### **PASSO 1: QUEBRA-GELO: HISTÓRIAS DO COTIDIANO** (20 minutos)

Iniciar o processo de escuta com uma atividade quebra-gelo: uma história coletiva sobre o dia a dia de cada um. O facilitador inicia a narrativa

contando sobre como inicia seu dia, e passa a vez para outra pessoa continuar. A ideia é criar uma história trazendo as diferentes rotinas diárias. Esta contação de histórias já começa a construir coletivamente a relação entre a cidade e as pessoas.

### **PASSO 2: MAPEAMENTO AFETIVO** (40 minutos)

Os participantes devem ser separados em pequenos grupos. Em cada grupo, há um mapa com equipamentos do bairro (UBS, escolas, áreas verdes, etc). A partir do mapa, os participantes colocam post-its coloridos, de acordo com as categorias: lugares frequentados, coisas boas e coisas a melhorar.

***Lugares frequentados:** são lugares importantes e conhecidos, como residência, padaria, mercado e outros equipamentos. Eles devem pontuar também os lugares que frequentam junto com as crianças.*

***Coisas boas:** O que tem de bom no bairro para as crianças, segundo sua percepção? Que lugares são bons para levar as crianças para brincar?*

***Coisas a melhorar:** O que é preciso melhorar no bairro para as crianças?*

O facilitador deve anotar todas as informações que forem trazidas pelos participantes.

### **PASSO 3: LEITURA EM CONJUNTO**

Após o preenchimento do mapa, os participantes se reúnem de volta, e um representante de cada grupo faz a leitura em conjunto mostrando os pontos de maior atenção e caminhos/lugares mais apontados.

O facilitador deve anotar todas as informações que forem trazidas pelos participantes, para incluir na sistematização dos dados.

## Audiência pública

Audiências públicas são modelos de participação social utilizados geralmente pelo poder público para se comunicar com a sociedade civil. Elas costumam acontecer durante dias de semana, em duração de mais ou menos 3 horas, em espaços centrais da cidade.

Embora indispensáveis na manutenção democrática, muitas vezes sua maneira de condução inviabiliza a participação plena, porque não são todas as pessoas que conseguem participar nestas condições. É possível propor uma audiência em horários alternativos e conduzi-la sem tantos momentos de fala de introdução, e sim com abertura para escuta das pessoas envolvidas. As audiências podem ser breves, com momentos de escuta intercalados por atividades lúdicas.

Por fim, do mesmo modo que em outros processos de escuta, fomentar uma cultura de devolutiva faz com que a audiência seja uma ponte para que as pessoas se sintam dispostas a participar novamente.

Abaixo listamos algumas sugestões para tornar sua audiência e/ou encontro presencial mais diverso e rico.

### **A) PLANEJAMENTO DA AUDIÊNCIA**

O primeiro passo para a criação de uma audiência é a definição de sua razão, das pessoas a serem convidadas e do local do evento. Por exemplo: Se a discussão é sobre a necessidade de criar parques infantis em regiões descentralizadas de uma cidade, é ideal estabelecer audiências ou encontros nos territórios onde isso aconteceria e também mapear quem seriam os participantes importantes nesse encontro. Neste momento deve-se: estabelecer datas, lugar de realização, convidados, tempos de fala, tempos para discussão e quem irá coordenar este evento. Todas as decisões e sugestões devem ser anotadas em um documento ou ata, pois isto ajudará na organização dos próximos passos.

Caso o encontro seja virtual, é preciso ter o mesmo cuidado, estabelecendo

a melhor data, a plataforma a ser utilizada e outros detalhes digitais que irão facilitar o processo.

É preciso se atentar para a escolha da data, para permitir a participação do número mais diverso de participantes.

## **B) CONVIDANDO PESSOAS**

As formas de convite devem ser diversificadas. Há pessoas que vão acessá-los melhor por canais de redes sociais, outras que vão precisar de convites físicos e outras, ainda, onde a informação chegará melhor pelo “boca a boca”. Entre alguns públicos a serem considerados, estão: as autoridades que irão fazer a audiência; conselhos municipais dos direitos da criança e do adolescente; conselhos tutelares; outros conselhos municipais que tenham atribuição em área de interesse (p.ex: Conselho Municipal de Saúde); diretores de escolas públicas e privadas e de faculdades, além dos professores das redes públicas e privadas; representantes de religiões diversas; coordenadores de programas municipais, profissionais de saúde, profissionais do direito; associações e demais ONGs, representantes da mídia; assistentes sociais; psicólogos e outros profissionais do município que atendem crianças e adolescentes; famílias e cuidadores no geral. O número e a variedade de convidados podem ser decididos a partir da especificidade do encontro. Múltiplas sessões de uma mesma audiência com públicos reduzidos garantem espaços mais efetivos de participação.

## **C) DIVULGAÇÃO NA IMPRENSA**

Canais de comunicação podem ser aliados na distribuição de convites sobre sua audiência ou encontro. Utilize os canais de comunicação que funcionam mais no território e para o público desejado: jornais locais, redes de TV, jornais digitais, rádios, carros de som, podcasts. Nas comunicações, é preciso deixar claro o objetivo do encontro e porque é importante a participação.

## **D) PREPARATIVOS FINAIS ANTES DA AUDIÊNCIA**

Certificar-se com antecedência de que está tudo pronto ajuda a evitar surpresas de última hora. Se for presencial, o lugar precisa estar

garantido, com cadeiras, equipamentos de som e outras funcionalidades eletrônicas importantes para o andamento do encontro. Se for digital, a plataforma utilizada (Zoom, Google Meets, por exemplo) precisa estar funcionando e comportar o número de pessoas esperado e um tempo de duração prolongado.

### **E) A AUDIÊNCIA E ENCONTRO**

Se conduzidas burocraticamente, com muito espaço para exposição e pouco diálogo, audiências ficam esvaziadas de sentido político. Propor atividades lúdicas antes do início da audiência e também durante seus intervalos é uma forma de provocar os espectadores e trazer engajamento para a discussão.

Os tempos de fala para abertura, para convidados e para debate entre pessoas presentes precisam estar organizados previamente. Facilitadores ou mediadores podem auxiliar nessa tarefa, garantindo um equilíbrio entre os tempos de fala e de réplicas.

### **F) REGISTRO DAS FALAS**

As falas, ideias e propostas precisam ser bem anotadas para a sistematização posterior.

### **G) DEVOLUTIVA**

É preciso garantir formas de devolutivas aos participantes: podem ser em outras audiências ou como materiais de divulgação. Se a audiência foi divulgada em meios de comunicação, também é recomendado fazer um retorno, para que as mídias acompanhem a pauta e produzam material sobre a evolução do processo.

# BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE LEITURA

Blog Urban95. [Infância e cidade: a importância da escuta de crianças pequenas](#). 21 de fevereiro de 2022.

CARDOSO JÚNIOR, J.C.; CUNHA, A. [Planejamento e avaliação de políticas públicas](#). 2015, Ipea.

Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP). [Vamos ouvir as crianças? Caderno de Metodologias Participativas do Projeto Criança em Foco](#). 2013.

DIDONET, V. [Política boa é política participativa!](#). 2019, MOB.PI.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) (Org). [Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo! Sistematização da Experiência de Educomunicação](#). 2010.

GARCIA, C. [A escuta das crianças durante a quarentena](#). 24 de abril de 2020. Portal Aprendiz.

Grupo de Trabalho de Participação Infantil da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI). [Criança: substantivo participativo – Módulo 1](#). 2019, MOB.PI.

MEKARI, D. [Dar voz às crianças: publicação colaborativa discute a escuta infantil](#). 3 de novembro de 2016. Portal Aprendiz.

NERA, Luanda; GUIMARÃES, Carol. [Escuta de crianças fortalece participação social nas cidades](#). 1 de outubro de 2021. Coluna Ecoa/UOL.

PEREIRA, B. [Audiências públicas: Saiba como participar](#). 11 de novembro de 2016. Politize!

Programa Cidades Sustentáveis. [Guia de introdução à participação social](#).

Rede Nacional Primeira Infância. [Guia para Elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância](#).

Rede Nacional Primeira Infância. [Plano Municipal pela Primeira Infância](#).

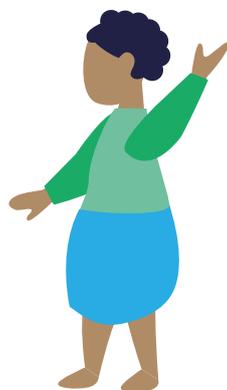
RIBEIRO, R. [Tonucci: “É partindo da infância que se constrói uma cidade para todos”](#). 4 de outubro de 2016. Portal Aprendiz.

SANTIAGO, F.; GOULART DE FARIA, A. L. [Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso](#). Educação e Fronteiras, 5(13), 72–85.

SANTOS, M. A. [A linguagem lúdica no registro avaliativo do educador na infância](#). Dissertação de mestrado. 2008, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SARMENTO, M. J. [As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade](#). In SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004. p. 9–34.





**Esta publicação foi desenvolvida  
pelo CECIP em 2022**



# URBAN 95



Realização

Bernard van Leer  FOUNDATION



---

**urban95.org.br**

 @urban95br  Urban95 Brasil

---